

IMAGEM MÁGICA, VIAGEM FANTÁSTICA

Imagem mágica...

Imagem (imaginação), paisagem pessoal e inventada, formada pela luz, pela memória, construção fisiológica e mental.

Quando produzi uma fotografia com uma pinhole pela primeira vez, me senti como um navegante português ou espanhol, cortando os mares e chegando às costas virgens das Américas: uma “paisagem” nunca vista foi me trazida pela luz, capturada numa “caixa preta”, e esta impregnou uma superfície fotossensível e se descortinou – ou melhor, neste caso, revelou-se – imersa dentro da bacia no meu laboratório fotográfico. Gravura feita de luz...

A partir deste momento, fui fisgada.

Meu pensamento não mais parou de perguntar, de responder, de alucinar, de descrever e de instigar infinitas prosas, versos, raciocínios, ao mesmo tempo em que eu continuava a construir, desmontar, inventar, perfurar e descobrir mil possibilidades de captura de imagens sem nenhuma mediação mecânica ou eletrônica.

Em minha série *Panoramas Imaginários*, fotografias captadas por uma pinhole em filme 120, o negativo recebe por inteiro a imagem trazida pela luz, mediante várias exposições que acontecem durante o deambular do fotógrafo. As imagens não são panoramas verdadeiros, são as possibilidades imaginárias do olhar a passeio, são imagens cristais, imagens em si, não paisagens; são afirmações do significado de paisagem como imagem e como conceito. São o ir e vir, a sobreposição, a dupla exposição, a inclinação. São a construção de uma paisagem inexistente, inventada; impressões, imitações, ficção. São imagens de um tempo sobreposto, composto, paradoxal e recuperado, passeio num tempo indefinido, volta ao passado e imersão no futuro... Meus *Panoramas Imaginários* determinam o reconhecimento de uma eterna viagem fantástica – vou até onde não se pode ir, vejo o que não se pode ver... e mesmo que pudesse, não existe o que penso ver.

Assim, a paisagem é um pretexto, uma metáfora, uma redundância, uma construção... Um paradoxo...

Encontrar na mágica a solução para o problema artístico, esta é uma das nossas funções. Ao descortinar a minha paisagem pessoal e única pelo buraco da agulha, descobri o segredo: na distância entre o olhar e a paisagem, nos acontecimentos fotográficos provocados neste espaço sem mediação, encontrei a verdadeira natureza da questão conceitual; a percepção da paisagem é o momento da luz carregando a imagem, imprimindo a superfície tal qual a retina, duplicando estereoscopicamente a marca deixada num rastro imperceptível, imóvel, atemporal, impregnado de memória, de passado, um indefinível presente, infinito futuro.

Sem dúvida, um paradoxo: tentar aqui descrever em palavras algo que não poderia ser nem mesmo pensado (o pensamento é formado de palavras...), muito menos verbalizado, articulado dentro do conceito.

Em minha fotografia capturada em câmera escura através de um buraco de agulha, tudo sobre a formação da imagem aparece no resultado final: a forma como a luz carrega a imagem para depositá-la na superfície fotossensível, sem intermediações ou correções, em processo análogo à forma como o olho recebe o corpo de informações visuais que irá se compor no cérebro e determinar um objeto imaginário. O olho vê a imagem pensada: mostro uma imagem que só existe na ficção do “olhar mental”.

Assim, a captura da imagem faz do processo todo um fascinante mergulho no indescritível, no indizível, no invisível, na (provavelmente) mais pura aventura visual... viagem fantástica.

MONICA MANSUR 2014